

Åsa Larsson

Sacrifício a Moloc

Tradução
Cristina Vaz

 Planeta

Estou a ler o Quarto Livro do Levítico. Deus está furioso. Recita as leis e os castigos que aqueles que não as seguirem sofrerão. Amaldiçoa e ameaça sem parar. No capítulo 20, sob o título de «Personalidades Diversas», o Senhor diz que aquele que entregar um dos seus filhos a Moloc será punido com a morte, será apedrejado pelo povo. Diz Deus: «Voltarei o meu rosto contra esse homem e suprimi-lo-ei do meio do meu povo.» Pergunto-me como o fará se já foi apedrejado. Diz também que se o povo fechar os olhos ante esse homem que entregou um dos seus filhos a Moloc, toda a sua descendência sofrerá a ira de Deus.

Leio um pouco sobre Moloc. Parece ser um deus que pode outorgar riquezas, boas colheitas e vitória na guerra. Qual o deus que não prometeu isso? Sacrificavam-se crianças. Havia estátuas de Moloc, ocas, de cobre. Fazia-se fogo dentro da estátua, que ficava vermelho-vivo. A seguir colocava-se a criança no regaço de Moloc.

Pensava em tudo isto quando estava a escrever este livro. Sacrificar uma criança pelo êxito, para honrar este mundo.

Como é possível um cão ladrar daquela maneira? Samuel Johansson nunca ouvira ladrar assim.

Está na cozinha a preparar uma sanduíche. O seu *elkhound* está atado a uma trela elástica no jardim.

Tudo estava calmo até que o cão começou a ladrar. A princípio de forma penetrante e mal-humorada.

A que ladra ele? De certeza que não é a nenhum esquilo. Reconhece o latido aos esquilos. Também não é um alce. O latido aos alces é mais abafado e constante.

Depois acontece algo. O cão gane. Uiva como se tivessem aberto as portas do inferno. É um som que desperta um medo frio em Samuel Johansson.

Então faz-se um silêncio absoluto.



Samuel sai a correr para o exterior. Sem casaco, sem sapatos. Sem um pensamento claro.

Aos tropeções, adentra-se na escuridão do Outono, vai direito à garagem, à casota do cão.

E ali, à luz exterior da garagem, está o urso. Desfaz o corpo do cão para o levar, mas o animal sem vida está preso pela corrente. O urso vira a sua boca ensanguentada para Samuel e solta um bramido.

Samuel retrocede com passo instável. A seguir uma força quase sobrenatural impulsiona-o e corre como nunca correu para regressar a casa e ir buscar a caçadeira. O urso não se mexe, mas sente o hálito quente do animal na nuca.

Carrega a caçadeira com as mãos suadas e abre a porta com cuidado. Tem de estar calmo se quiser acertar à primeira. Senão, tudo acontecerá bastante depressa. Em poucos segundos poderá ter em cima de si um urso ferido por uma bala.

Caminha silenciosamente através da escuridão. Passo a passo. Os pêlos da nuca eriçaram-se-lhe como se fossem agulhas.

O urso ainda ali está. Está a comer o que resta do cão. Quando Samuel puxa a segurança da arma, olha para cima.

Nunca tremeu tanto na sua vida. Tem de se apressar. Tenta não se mexer, mas não consegue.

O urso vira a cabeça ameaçador. Parece que está a gargarejar. Resfolega como um fole. Depois dá um poderoso passo em frente. É então que Samuel dispara. O barulho retumba. O urso cai. Mas depressa volta a levantar-se e desaparece na escuridão.



Adentrou-se no bosque escuro como a noite. A luz da garagem ilumina pouco.

Samuel regressa a casa, apontando com a caçadeira para aqui e para ali. Escuta os ruídos procedentes do bosque. A qualquer momento o maldito urso pode regressar a correr. Quase não vê mais do que uns metros.

Vinte passos até à porta. O coração bate com força. Cinco. Três. Entrou.

Todo o seu corpo treme. Tem o telemóvel em cima da mesa da cozinha, pega nele com a mão direita para marcar as teclas com a esquerda. O chefe do grupo de caça atende ao primeiro toque. Decidem encontrar-se quando ficar de dia. Na escuridão não conseguem fazer nada.



Ao amanhecer, os homens da vila reúnem-se no jardim de Samuel. Estão dois graus negativos. Há gelo nas árvores. As folhas caíram. As sorveiras exibem uma cor vermelho-oxidada contra o cinzento. No ar vê-se cair algo leve, essa neve que não cristaliza.

Observam o desastre junto à casota do cão. Apenas a cabeça permanece presa à corrente, o restante são miseráveis restos.

É um grupo de homens duros. Vestem camisas aos quadrados, calças com muitos bolsos, cinto com faca e blusões verdes. Os mais novos usam barba e gorro de viseira. Os mais velhos barbeiam-se cuidadosamente e trazem gorros de pele com palas para proteger as orelhas. São homens que constroem os seus próprios reboques para transportar os alces; homens que preferem automóveis com carburador que possam ser eles mesmos a arranjar de modo a não terem de depender das oficinas dos mecânicos, onde não fazem outra coisa a não ser ligar os cabos do computador ao carro.

– O que se passou foi isto – diz o chefe do grupo enquanto outro homem mete um novo pedaço de tabaco prensado entre a gengiva e o lábio superior, e olha para Samuel, que não consegue controlar os tiques da cara. – Samuel ouviu o cão uivar. Agarrou na caçadeira e saiu. Há muito tempo que há ursos por aqui, de maneira que acha que foi isso que aconteceu.

Samuel assente.

– Ou seja, sais com a caçadeira. O urso está a comer o cão e passa ao ataque. Disparas em legítima defesa porque ele vem direito a ti. Não entraste para ir buscar a caçadeira. Já a trazias contigo desde o início. Nada de estranho. Aqui não vão acusar ninguém de caça ilegal, não é? Ontem à noite liguei para a polícia. Decidiram que seria caça para protecção.

– Quem vai fazê-lo?

– Patrik Mäkitalo.

Ante aquela notícia todos guardaram um breve silêncio de admiração. Patrik Mäkitalo é de Luleå. Seria melhor que fosse um dos do grupo a ir atrás do urso, mas nenhum deles tem um cão tão astuto como o de Patrick. E interiormente perguntam-se se seriam capazes de o fazer.

Um urso ferido, ou seja, perigoso. É necessário ter-se um cão que se atreva a ladrar-lhe e não se acobarde e regresse para junto do dono com

o urso a morder-lhes os calcanhares. E também que o caçador não se assuste, quando o «quem-é-o-aselha-aqui» sair a correr da orla do bosque. Talvez disponha de algum segundo. A dimensão do alvo para matar um urso não é maior do que o fundo de uma panela. Aponta-se de pé, sem apoio. É como disparar contra uma bola de ténis em movimento. A caça ao urso não é para quem trema do pulso.

– Falando no diabo... – diz o chefe do grupo olhando para a estrada.



Patrik Mäkitalo sai do carro e saúda-os com um gesto da cabeça. Deve ter uns trinta e cinco anos, os olhos semicerrados, pêra longa e fina como a de um bode. Um guerreiro mongol de Norbotten.

Patrick não fala muito, escuta o chefe do grupo e faz perguntas a Samuel sobre o disparo. Onde estava ele? Onde estava o urso? Que munição usou?

– *Oryx*.

– Boa – responde Patrik. – Alto poder perfurante. Com um pouco de sorte atravessou-o; sangram mais. É mais fácil rastreá-los.

– E tu, o que usas?

Quem se atreve a perguntar é um dos velhos.

– *Vulkan*. Costumam ficar mesmo debaixo da pele.

É normal, pensam os homens. *Ele nunca os fere e não precisa de os perseguir. Além disso procura não estragar a pele do urso.*

Patrik Mäkitalo tira a segurança da caçadeira e adentra-se no bosque. Ao cabo de uns minutos regressa com os dedos manchados de sangue.

Abre a bagageira. Dentro da jaula estão os seus cães de caça, com a língua pendente e o seu sorriso canino satisfeito. Não se dão ao trabalho de olhar para mais ninguém a não ser para o dono.

Mäkitalo pede para ver um mapa topográfico. O chefe do grupo vai ao carro buscar um e abre-o em cima do capô.

– Parece estar bem claro qual o caminho que tomou – explica Patrik Mäkitalo. – Mas se vai a favor do vento e passar pelo bosque, há o risco de ele sair por aqui. – Aponta com o dedo ao longo do ribeiro que corre para o rio Lainioälven. – Em especial se for um velho espertalhão que

aprendeu a despistar os cães. Têm de arranjar um barco e estar preparados para o caso de ser necessário. Os meus cães não se chateiam se tiverem de molhar as patas, mas o dono não está muito para aí virado.

Todos sorriem ligeiramente, unidos de certo modo pela missão que têm em comum.

O chefe do grupo recompõe-se e pergunta:

– Queres que alguém vá contigo?

– Não. Vamos rastrear um troço e depois decidiremos. Se for por este lado e subir na direcção dos terrenos pantanosos, têm de estar preparados para dar a volta e porem-se à espreita. Logo veremos para onde foi.

– Se está a sangrar deveria ser fácil encontrá-lo – diz um dos homens.

Patrik Mäkitalo nem se digna olhar para ele quando lhe responde:

– Bem, por norma param de sangrar passado um bocado. Depois procuram a densidade do bosque e regressam para encontrar o seu seguidor. Assim, se tiver azar, será ele a encontrar-me a mim.

– Que porra! – exclama o chefe do grupo, e olha para os seus companheiros para os tranquilizar.



Patrik Mäkitalo solta os cães. Estes desaparecem como duas linhas castanhas com os focinhos no ribeiro. Segue-os com o GPS na mão.

Não há mais a fazer a não ser começar a andar. Olha para o céu e espera que não comece a nevar a sério.

Anda depressa. Pensa nos caçadores com quem esteve há pouco. São dos que se sentam à espera a beber e adormecem. Não seriam capazes de seguir o seu ritmo. E muito menos de conseguir a presa.

Passa pelo caminho de gravilha. Do outro lado há uma encosta inclinada de arenito. O urso subiu por ali, com as patas abertas e pesado. Põe a mão na marca do animal.

As pessoas de Lainio foram contagiadas pela febre do urso. Sabem que por vezes esteve perto pelos excrementos ao pé de um caixote do lixo virado ao contrário, a emanar vapor com o frio da manhã, vermelho como ramos de arandos. Fala-se muito de ursos; desenterram-se histórias antigas.

Patrik observa as marcas de arranhões no chão, onde o urso tomou impulso para subir pela encosta. Cada garra deve ser como uma faca. Na vila mediram as marcas: puseram caixas de fósforos ao lado dos vestígios e fotografaram-nas com o telemóvel.

As mulheres e as crianças ficam dentro de casa. Ninguém se atreveu a ir ao bosque à procura de bagas. Os pais vão buscar os filhos de carro à paragem do autocarro escolar.

Sabemos que é um espertalhão grande, pensa Patrik, olhando para as marcas. *Um velho devorador de carne. Por isso comeu o cão.*

Entra num bosque de pinheiros altos. É fácil andar por ali porque o terreno é plano. Os pinheiros estão separados uns dos outros como uma arcada, os troncos direitos, sem ramos, apenas a copa a sussurrar lá em cima. O musgo que no Verão costuma estalar debaixo dos pés está molhado e em silêncio.

Boa. Tudo calado, pensa.

Atravessa um antigo campo de cultivo. Um armazém desmoronou pelo centro, o tecto está podre e há restos em volta. O frio não chegou há muito tempo e a terra ainda não gelou. Pisa a neve mole e começa a notar o suor. Cheira a barro e a água rica em ferro.

A seguir os vestígios mudam de direcção. Vão direitos ao bosque, descem na direcção de Vaikkojoki.

Um pouco mais longe, alguns corvos grasnam e gritam na manhã cinzenta. A vegetação torna-se mais espessa. As árvores juntam-se. Pinheiros delgados e ramos cinzentos e sujos de abeto lutam pelo espaço. As bétulas novas, que ainda não perderam as folhas, exibem o seu amarelo entre o resto verde e cinzento. Mal se vê a mais de cinco metros.

Desceu até ao ribeiro. Às vezes tem de afastar a vegetação com o braço. Só vê uns quantos metros à frente.

Então ouve os cães, três latidos penetrantes. A seguir, silêncio.

Entende o que significa: cheiraram o urso. Estava deitado e levantou-se ao pressenti-los. Costumam ladrar quando notam o forte odor de onde esteve deitado.

Ao cabo de uns minutos os cães voltam a ladrar. Desta vez fazem-no constantemente. Alcançaram o urso. Olha para o GPS. A um quilómetro e meio. Latido de perseguição. Ladram e correm atrás dele. Só tem

de continuar a andar. Ainda não há pressa. Espera que a cadela jovem não se aproxime demasiado, é um pouco impetuosa. O outro cão trabalha com calma, pode dar um latido de circunstância e continuar a trabalhar a uma distância segura. Quase nunca se aproxima a menos de três metros, agora deve estar a quatro, cinco metros. Um urso ferido de bala não tem paciência.

Ao fim de meia hora passam ao latido de circunstância. O urso e os cães estão quietos. Lógico. Na vegetação espessa só há mato e ramos quebrados e não se vê nada.

Continua a andar. Está a apenas duzentos metros. O vento bate-lhe de lado. É indiferente. O urso não deveria cheirá-lo. Tira a segurança da caçadeira. Adianta-se. O coração palpita-lhe.

Okay, pensa. Seca a mão na perna das calças; a adrenalina faz parte da caça.

Cinquenta metros. Tenta entrever, localizar no meio do mato de onde vem o latido. Os cães trazem coletes fluorescentes, verdes de um lado e laranja do outro, para poder diferenciá-los do urso quando chegar o momento e para ver como estão colocados.

Vislumbra algo cor de laranja lá à frente. Que cão é? Não consegue vê-lo. O urso costuma estar entre os cães. Olha, observa, desloca-se tão silenciosamente como pode. Está preparado para disparar, carregar e voltar a disparar.

O vento muda de direcção. Nesse mesmo instante vê o outro cão. Estão a dez metros um do outro. O urso deve estar algures entre eles. Tem de se aproximar. Agora tem o vento na nuca. Isso é mau. Levanta a caçadeira.

Vê o urso a dez metros. Não é um bom lugar para disparar, demasiadas árvores e ramagem no meio. De repente o animal levanta-se. Presentiu o seu cheiro.

E vem a correr. É tudo tão rápido que quase não tem tempo de inspirar e o urso já percorreu metade da distância. Ouve os ramos a quebrarem-se à sua passagem.

Dispara. O primeiro tiro faz com que o urso se incline sobre um dos costados, mas continua a correr. O segundo disparo é perfeito. O urso cai a três metros dele.

Os cães lançam-se ao animal. Mordem-lhe as orelhas e o pêlo. Ele deixa-os, é o seu prémio.

O coração bate-lhe como uma porta aberta durante uma tempestade. Recupera o fôlego enquanto felicita os cães. Boa. Linda menina. A minha cadela linda.

Pega no telemóvel. Liga para o grupo de caça.

Esteve perto, demasiado perto. Pensa por um momento no filho e na sua companheira; depois afasta-os da mente. Olha para o urso. É grande. Muito grande. Quase preto.



Chega o grupo de caça. Ar frio de Outono, um urso difícil e muito respeito. Atam o corpo do animal com correias e passam-lhas por trás da cabeça e debaixo das patas da frente para o levar através do bosque até uma clareira perto da pista onde o todo-o-terreno pode chegar. Parecem bois de carga, é um bicho grande, constatam.

Chega o inspector provincial. Estuda o local do disparo para se assegurar de que se respeitou a normativa. Depois recolhe as provas necessárias enquanto os homens respiram tranquilos. Tira uma madeixa de pêlo e um resto de pele, corta-lhe os testículos e arranca-lhe um dente com a faca para definir a idade. A seguir abre-lhe o abdómen.

– Vejamos o que o peluche comeu – diz.

Patrik Mäkitalo prendeu os cães a uma árvore. Gemem um pouco e puxam as correntes. É o seu urso.

Sai vapor do conteúdo do ventre. O cheiro é insuportável. Alguns homens recuam um passo involuntariamente, sabem o que há ali dentro: os restos do *elkhound* de Samuel Johansson. O inspector também sabe disso.

– Bom – diz. – Bagas e carne. Pele e pêlo.

Com um pau remexe o conteúdo. Baixa as comissuras dos lábios numa expressão de receio.

– Mas isto não é, raios...

Fica em silêncio. Pega nuns quantos pedaços de osso com a mão direita, na qual tem uma luva de látex.

– Que diabo comeu ele? – murmura, remexendo um pouco mais com o pau.

Os homens aproximam-se. Coçam a nuca e a viseira dos gorros escorrega-lhes pela testa. Alguns tiram os óculos.

O inspector levanta-se. Depressa. Dá um passo atrás. Tem um pedaço de osso entre os dedos.

– Sabem o que é isto? – pergunta.

Está pálido. A expressão dos seus olhos faz que os restantes se encolham. O bosque emudeceu. Sem pássaros. É como se tudo guardasse um segredo.

– Não é de um cão. Isso eu posso assegurar-vos.